



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Invasão de alto risco

NETANYAHU AFIRMA QUE MEMBROS DO HAMAS ESTÃO "MARCADOS PARA MORRER" E QUE TROPAS ISRAELENSES PREPARAM OFENSIVA TERRESTRE. GRUPO EXTREMISTA PALESTINO IRONIZA E PROMETE TRANSFORMAR A FAIXA DE GAZA EM "CEMITÉRIO"

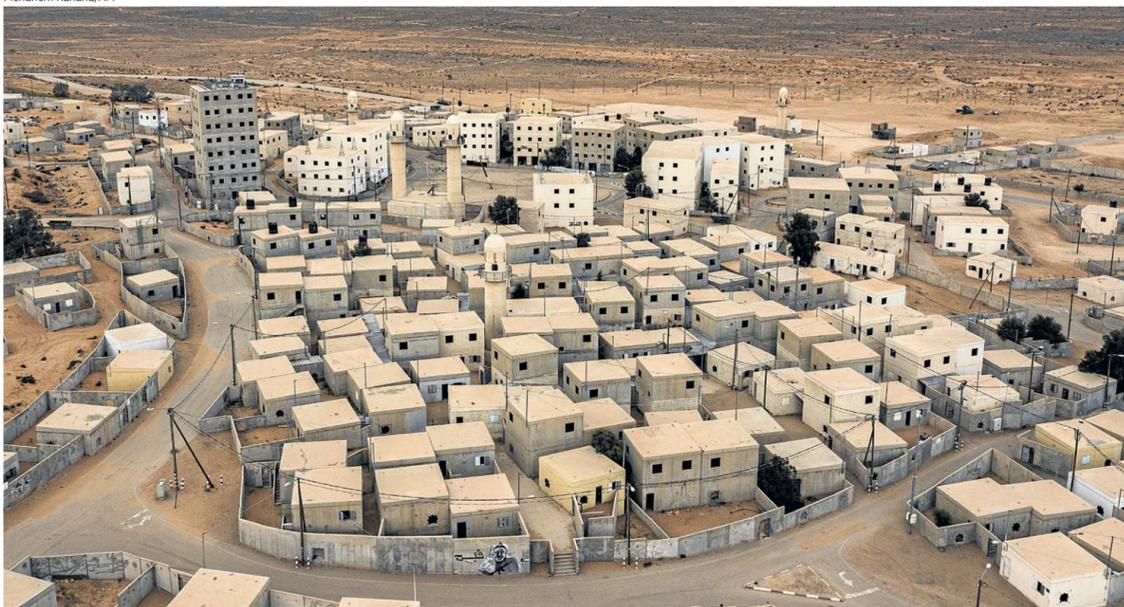
» RODRIGO CRAVEIRO

A Faixa de Gaza, pedaço de terra entre o Mar Mediterrâneo e Israel, tem apenas 41km de comprimento por 11km de largura, mais de 2 milhões de habitantes e um complexo sistema de túneis construído pelo Hamas, que controla o enclave. O sinal verde para a ofensiva terrestre depende do consenso do gabinete de guerra montado por Benjamin Netanyahu. "Estamos nos preparando", declarou o primeiro-ministro israelense, que descartou considerações políticas sobre a operação. "Todos os membros do Hamas estão marcados para morrer, acima e abaixo do solo, dentro e fora de Gaza. (...) Não posso dizer quando, como ou quantos (militares) haverá, nem as medidas que levamos em conta (para a invasão)", acrescentou, em pronunciamento aos 9 milhões de cidadãos.

A próxima fase da campanha militar contra o grupo extremista que matou 1,4 mil pessoas e sequestrou 222, no sul de Israel, em 7 de outubro, promete ser desafiadora. A guerra de guerrilha urbana no território palestino reserva armadilhas e obstáculos para os 360 mil soldados das Forças de Defesa de Israel (IDF) que aguardam a ordem, diante da fronteira de Gaza.

No discurso televisionado, Netanyahu fez um mea-culpa pelos ataques terroristas. "Como premiê, sou responsável por garantir o futuro do país. Agora, o meu papel é liderar o Estado de Israel e o povo a uma vitória esmagadora sobre nossos inimigos", disse. "Todos terão que responder (pelo atentado), inclusive eu, mas isso acontecerá somente depois da guerra." Ontem, o Hamas voltou a disparar foguetes e atingiu a cidade mais ao sul de Israel, Eilat, às margens do Mar Vermelho. As sirenes antiaéreas tornaram a soar em Tel Aviv.

Menahem Kahana/AFP



Centro de treinamento de guerrilha urbana mantido pelas Forças de Defesa de Israel simulando a Cidade de Gaza, no Deserto do Neguev

Ao **Correio**, Ali Barakeh — chefe do Departamento de Relações Nacionais do Hamas — destacou que "morte e vida estão nas mãos apenas de Deus". "Netanyahu tenta levantar o moral de seu exército, mas é um primeiro-ministro fracassado. Ele está hesitante e teme o confronto com os homens da resistência", assegurou. Barakeh fez uma ameaça: "O que espera por ele são mais perdas humanas e materiais; Gaza será um cemitério para o exército da ocupação, caso decida atacar".

Túneis

As IDF realizaram uma série de simulações de invasões à Faixa de Gaza no centro de treinamento de Tze'elim, uma réplica da Cidade de Gaza. Diretor do Departamento de Estudos de Guerra Urbana do Instituto de Guerra Moderna da

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Os homens da resistência palestina estão ansiosos pelos combates terrestres, pois são mais fáceis para eles do que a guerra aérea. A resistência está preparando muitas surpresas para as forças de ocupação. Nós desafiamos Netanyahu a enviar seu exército derrotado à Faixa de Gaza. Não recuaremos e não nos renderemos. Resistiremos até a vitória, à libertação e ao regresso para nossos lares na Palestina ocupada em 1948."

Ali Barakeh, chefe do Departamento de Relações Nacionais do Hamas, em entrevista ao **Correio**

Academia Militar dos EUA, John W. Spencer explicou ao **Correio** que uma invasão impõe riscos a Israel. "A rede de túneis construída pelo Hamas, as passagens e a adoção de táticas de guerrilha, como casas-bomba, IEDs (dispositivos explosivos improvisados), drones e

franco-atiradores visam não destruir as forças israelenses, mas ganhar tempo", alertou, por telefone.

Para Spencer, a presença de reféns dentro dos túneis e o uso de civis como escudos humanos serão os principais obstáculos enfrentados pelos soldados da IDF

no enclave palestino. Ele não acredita que uma incursão em Gaza cause danos políticos em Netanyahu. "Como líder de Israel, Netanyahu seria prejudicado se não levasse adiante uma ofensiva por terra. Destruir o Hamas e resgatar os sequestrados em 7 de outubro são uma meta, não uma campanha pela vingança. Netanyahu tem que responder ao atentado cometido pelo Hamas e minar a capacidade militar do grupo, de forma que eles não repitam o ataque nem disparem um único foguete."

O Ministério da Saúde, controlado pelo Hamas, afirma que 6.500 palestinos morreram em nove dias de bombardeios a Gaza. Os EUA duvidam do balanço. "Estou certo de que morreram inocentes, é o preço da guerra. Mas não confio no número apresentado pelos palestinos", disse o presidente Joe Biden.

Duas perguntas para

DANIEL ZOHAR ZONSHINE, embaixador de Israel no Brasil

Arquivo Pessoal



O que o senhor diria a quem acusa Israel de cometer uma punição coletiva aos palestinos?

Isso não é verdade. Israel atua contra alvos militares ou contra alvos usados militarmente. Se há uma residência ou um escritório usado como depósito de armas, quartel-general ou ponto de reuniões militares, torna-se um alvo militar legítimo. Podemos atacá-lo e isso está em consonância com o direito internacional. Nós combatemos apenas o Hamas e tentamos prevenir, tanto quanto possível, o assassinato de pessoas não envolvidas. Ao contrário do Hamas, que, de forma deliberada, aponta suas armas para civis e utiliza moradores de Gaza como escudos humanos. O Hamas os impede de abandonar as zonas de combate, a fim de proteger os seus terroristas dos ataques das Forças de Defesa de Israel (IDF).

O senhor vê o risco de o conflito se espalhar para países vizinhos?

Desde 7 de outubro, o Estado de Israel está sob ataque também na frente norte. Houve um grande número de ataques com mísseis antitanques e foguetes contra alvos militares e civis, em Israel, e uma resposta militar israelense comedida. Estamos tentando evitar um conflito total, mas estamos prontos para isso. A responsabilidade total cabe ao Irã e ao Hezbollah, que tentam expandir a guerra para frentes adicionais. (RC)

Tensão com as Nações Unidas coloca diplomacia em xeque

» MATHEUS MORGADO
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

Uma escalada de tensão entre Israel e a Organização das Nações Unidas (ONU) põe em xeque a diplomacia para a costura de um cessar-fogo na Faixa de Gaza. O embaixador israelense na entidade, Gilad Erdan, subiu o tom e pediu a renúncia do secretário-geral, António Guterres. Também anunciou

que o país negará vistos a membros da ONU. A atitude é uma resposta às declarações de Guterres sobre a guerra entre Israel e Hamas.

Durante reunião do Conselho de Segurança, na terça-feira, Guterres denunciou "claras violações do direito humanitário internacional", sem mencionar diretamente o governo de Benjamin Netanyahu. O secretário-geral afirmou que os ataques de 7 de outubro "não vieram

do nada" e citou os "56 anos de ocupação sufocante" — uma referência à presença israelense nos territórios palestinos de Gaza e da Cisjordânia desde 1967, após a Guerra dos Seis Dias.

Guterres também condenou, explicitamente, os ataques terroristas do Hamas. Apesar disso, os membros do governo israelense se revoltaram contra as falas. "Senhor secretário-geral, em que mundo

you live?", provocou o chanceler de Israel, Eli Cohen. Por sua vez, Erdan foi além e disse que "é hora de dar uma lição" às Nações Unidas.

Vistos

Alon Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York e especialista em negociações de paz entre Israel e nações árabes, entende que,

na prática, a recusa de vistos ameaçada pelos israelenses "certamente não significa barrar a entrada de ajuda da ONU" e ficaria "limitada aos indivíduos". "Guterres não tentou, de forma alguma, justificar as atrocidades do Hamas", afirmou ao **Correio**. "Os ataques não podem ser tirados do contexto de 75 anos de conflito entre israelenses e palestinos." Ben-Meir observa que, não fosse o impasse de décadas

entre os dois povos, "a selvageria do Hamas não teria ocorrido".

Guterres se disse "chocado com as deturpações" de suas declarações, "como se estivesse justificando atos de terrorismo do Hamas". Ele completou, reafirmando que condena, de forma inequívoca, os atos "horribéis e sem precedentes" do grupo extremista. Os israelenses cancelaram a reunião bilateral marcada com o secretário-geral.

ARGENTINA

Patricia Bullrich e Macri anunciam apoio a Milei

A decisão da ex-ministra da Segurança Patricia Bullrich e ex-candidata a presidente pela coalizão de centro-direita Juntos por el Cambio, contrariou os seguidores mais radicais. A 26 dias do segundo turno das eleições, ela declarou apoio ao libertário Javier Milei em sua busca pelo posto mais alto da Casa Rosada. "Temos diferenças com Milei, por isso competimos. No entanto, enfrentamos o dilema da mudança, ou da continuidade mafiosa. A maioria escolheu a mudança, nós a representamos", afirmou, depois de se reunir com o antigo adversário político, que chegou a

fazer pesadas críticas a ela. "Ratificamos nossa defesa até o fim dos valores de mudança e liberdade. A urgência do tempo nos pede para não sermos neutros diante da continuidade do kirchnerismo através de (Sergio) Massa", acrescentou, referindo-se ao ministro da Economia do presidente peronista Alberto Fernández e vitorioso no primeiro turno, no último domingo. Companheiro de coalizão, Mauricio Macri, que governou a Argentina entre 2015 e 2019, seguiu Bullrich no aval a Milei e provocou um racha na aliança.

Professor de ciência política

da Universidad de Buenos Aires (UBA), Miguel De Luca minimizou o impacto do aval de Bullrich a Milei. "A decisão da ex-ministra, como ela mesma esclareceu durante a entrevista coletiva, foi pessoal. Não foi tomada pelo partido presidido por ela, o Propuesta Republicana (PRO). Ela não influenciará fortemente os eleitores da fórmula do Juntos por el Cambio. Muitos dos simpatizantes de Bullrich não votarão em Milei no segundo turno. Entre eles, estão aqueles da Unión Cívica Radical, considerados decisivos", explicou

ao **Correio**. O especialista considera Massa como favorito em 19 de novembro, mas acredita que seu desempenho nas urnas depende da evolução da economia. "Se a situação piorar, melhoram as chances de Milei."

Damian Deglaube, analista da DED Consultoria Política (em Buenos Aires), disse à reportagem que o apoio de Bullrich esbarra no fato de que Milei havia insultado o setor representado pelo macrismo. "A coalizão de Bullrich se rompeu. Um segmento do voto que iria para ex-ministra não será direcionado a

Milei. A incógnita está em como Milei posicionará o seu discurso, mediante o kirchnerismo", admitiu à reportagem. Bullrich advertiu que o apoio ao libertário não representa um pacto em um eventual governo. "Demos por encerrados certos enfrentamentos. Nós não falamos sobre o governo", afirmou ela. Durante a campanha, Milei acusou Bullrich de "pôr bombas em jardins de infância", durante sua militância na juventude peronista nos conturbados anos 1970. A ex-candidata o denunciou criminalmente por essas declarações. (RC)

Tomás Cuesta/AFP



Bullrich, ex-candidata da coalizão Juntos por el Cambio (de centro-direita): pela "mudança"